

O TEXTO CHÁRGICO: UM INSTRUMENTO ESTIMULADOR DA LEITURA NA ESCOLA

Elza Tereza Furlan Garcez
Neide Biodere de Souza Garcia

RESUMO: A escola tem priorizado a leitura de textos verbais em detrimento dos não-verbais. Entretanto, trabalhar com textos não-verbais na escola é criar situações estimuladoras de leitura, o que auxilia a escola no cumprimento de sua função primordial: formar o leitor competente. O texto chárstico tem acentuada importância como forma de desenvolver a leitura crítica na prática de sala de aula, por ser um tipo textual que faz com que o leitor se depare com uma modalidade de manifestação comunicativa condensadora de múltiplas informações, veiculadas principalmente através da linguagem não-verbal, cuja interpretação aciona necessariamente um conjunto de dados e fatos contemporâneos ao momento específico em que se instaura a relação discursiva entre o produtor e o receptor.

PALAVRAS-CHAVE: escola, texto não-verbal, leitura crítica, charge.

THE CARTOON TEXT: A STIMULATOR INSTRUMENT OF THE READING AT SCHOOL

ABSTRACT: The school has as a priority the reading of verbal texts against the non-verbals. However, working with non-verbal texts in the school is to create stimulators situations of reading, which helps the school in the comply with its fundamental function: to form a competent reader. The cartoon text has a big importance as a way of criticism reading development in the classroom practice, because is a textual type that makes the reader come across with a event communicative manifestation condenser of multiple informations, conveyed principal through the non-verbal language, whose interpretation operate require a data joint and contemporary facts at the specific moment which set up the discursive relation between the producer and the receiver.

KEY-WORDS: School; non-verbal text; criticism reading; cartoon.

INTRODUÇÃO

Um dos problemas com que se tem deparado no ensino de língua portuguesa é o desinteresse dos alunos pela leitura. Embora o ensino de Língua Portuguesa tanto na educação básica, como nas instituições de formação superior tenha passado por várias reformulações, principalmente no que se refere à leitura, compreensão e interpretação textual, não atinge ainda seus reais objetivos, ou seja, a leitura do texto não como uma soma de informações objetivas facilmente identificáveis, mas como um processo, que como tal, depende de fatores contextuais como cultura, momento histórico, ideologias, crenças e assim por diante.

Isso pode ser confirmado pelas freqüentes matérias jornalísticas criticando o desempenho lingüístico dos alunos no ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio), como também nos vestibulares das mais diversas universidades públicas ou particulares. Tais críticas destacam ironicamente os erros dos estudantes como “pérolas” da compreensão, interpretação e escrita do aluno, o que revela um quadro de fragilidade do ensino de Língua Portuguesa quanto a esses aspectos. Estranhamente, esses dados chegam à mídia, por intermédio dos próprios educadores, que mesmo inconscientemente, denunciavam o próprio fracasso.

Refletindo sobre essa situação, é preciso considerar a ação prática de sala de aula, atentando para alguns possíveis fatores responsáveis pela gênese dessa questão relacionada à leitura tanto de textos verbais como não-verbais: a utilização de textos não-significativos, metodologia empregada pelos professores, influências dos atuais meios de comunicação que

priorizam os recursos visuais e conquistam facilmente o público jovem. Segundo Mário A. Perini (2000: 78), “o material escrito que chega às mãos dos alunos se compõe essencialmente de textos didáticos. (...) no entanto, é singular o grau de desinteresse que os alunos mostram pelo livro didático”. Esse desinteresse, conseqüentemente, pode ser transferido para qualquer leitura oferecida pela escola, e essa atitude desfavorável leva ao fracasso, fazendo com que o aluno se afaste de novas oportunidades de ler, o que o impede de descobrir que a leitura, de forma geral, é uma fonte de informações úteis não só para a escola, mas também para a vida.

Os manuais didáticos trazem textos variados (verbais e não-verbais), mas a forma como esses textos são trabalhados, limita as possibilidades de uma leitura crítica e aprofundada, visto que as sugestões apresentadas são idênticas, pouco criativas e, conseqüentemente, limitam o conhecimento da realidade tematizada.

Mediante essa realidade imposta nas escolas, como o professor poderia buscar outros caminhos para ser um mediador da leitura crítica? É uma tarefa que exige em princípio, a maturidade do professor-leitor, pois como reconhecer no material adotado, a exploração ineficiente e equivocada dos exercícios que atendam a um método eficiente, que sejam coerentes a uma teoria correta da leitura crítica?

Esses questionamentos deixam claro que o professor precisa não só de formação teórica, mas de reflexão sobre sua prática. Analisar, registrar, discutir, pesquisar, trocar experiências, ousar mudar a sua ação em busca de melhores resultados, decorrentes de um trabalho mais eficiente e prazeroso.

Não cabe aqui desmerecer o trabalho do professor,

porque sabe-se das dificuldades encontradas por ele no cotidiano escolar: poucos recursos, ambientes inadequados, bibliotecas muito precárias, pouco incentivo à pesquisa, à participações em eventos e à formação continuada, além de baixos salários.

Ao contrário, busca-se contribuir com a ação do professor, fazendo-se, antes, uma reflexão sobre sua prática diária, para oferecer-lhe uma sugestão de um trabalho possível em relação à leitura.

A utilização de uma metodologia no ensino de língua portuguesa que privilegia textos verbais não é atraente e tampouco estimuladora para o aluno atual, cujo interesse está voltado à tecnologia e à informação rápida, no entanto, esse interesse não lhe garante aptidão para ler criticamente qualquer tipo de texto, uma vez que lhe faltam pré-requisitos para essa tarefa. Essa lacuna deve ser preenchida pela escola, uma vez que para que o aluno possa interagir melhor com a sociedade são necessários a posse e o controle do conhecimento dos meios, recursos e instrumentos utilizados por aqueles que detêm o poder. Dominar esses elementos é condição imprescindível para entender, criticar, questionar, reverter, alterar e modificar o contexto social. Por isso, antes de se elaborar qualquer prática que vise à motivação e ao desenvolvimento da habilidade de leitura é necessário conhecer os elementos que envolvem os mecanismos de produção e recepção de um texto, ou seja, o repertório lingüístico, o referencial teórico sócio-cultural e aspectos elementares da cognição. Além disso, para se alcançar sucesso na leitura é importante o emprego de estratégias ou esquemas para obter, avaliar, e utilizar informações. Para isso, Goodman (1987: 18) apresenta quatro ciclos considerados universais: ótico, perceptual, sintático e semântico, que se complementam na construção do sentido do texto pelo leitor.

Kleiman (1989) consolida uma noção de leitura como interação, uma vez que o leitor aciona o seu conhecimento prévio, ou seja, os vários níveis de conhecimento de mundo para processá-la. É na interação desses níveis que o sentido do texto se constrói. Assim considerada, a leitura vai além do ato do conhecimento das palavras, da descoberta da mensagem ou da classificação dos personagens, sendo resultado da interação texto-leitor-vida.

Estamos rodeados pelos mais diversos signos, que nos falam por meio de cores, traços, sons, texturas, cheiros, tamanhos, e produzem comunicação eficiente, mesmo sem o recurso da palavra. Dessa forma, esses signos são passíveis de leitura e devem ser mais explorados em sala de aula, pois se quem lida com a arte da sedução sabe utilizar de forma eficaz esses textos atraindo o público alvo, por que não a escola estimular a leitura fazendo uso desses tipos textuais para formar leitores mais competentes?

Várias são as opções de textos verbais e não-verbais circulantes no meio social contendo informações implícitas, que na maioria das vezes não são bem interpretadas pelo leitor. Dentre esses textos destacam-se, entre outros, as charges, os cartuns, as tiras, as propagandas, os gibis.

Privilegia-se, neste estudo, o texto chágico como instrumento estimulador da leitura e interpretação na prática em sala de aula.

O Texto Chágico

Tendo em vista os inúmeros conceitos de texto, opta-

mos por uma definição que abrange tanto textos verbais como não-verbais, apresentada por FÁVERO & KOCH (1988: 25) “texto, em sentido lato, designa toda e qualquer manifestação da capacidade textual do ser humano, (quer se trate de um poema, quer de uma música, uma pintura, um filme, uma escultura, etc), isto é, qualquer tipo de comunicação realizado através de um sistema de signos”. Nessa definição inclui-se qualquer tipo de texto verbal e não-verbal e, portanto, o chágico, que por seu caráter humorístico e inteligente na abordagem de temas atuais, pode ser uma forma interessante de estimular a leitura e de encaminhar para a “leitura crítica”.

Entretanto, o conhecimento dos conceitos de textos e a opção por um deles não são suficientes para a produção e leitura eficientes de textos. Deve-se, ainda, levar em conta os fatores responsáveis pela textualidade apontados por BEAUGRANDE & DRESSLER: a coerência e a coesão, centradas no texto; a intencionalidade, a aceitabilidade, a informatividade, a situacionalidade e a intertextualidade, centradas no usuário, que embora sejam estudados pelos autores em textos verbais podem ser considerados para textos não-verbais. Além desses, há, segundo Dondis (1991: 23), outros elementos responsáveis pelas construção da composição visual:

o ponto, a unidade visual mínima, o indicador e marcador do espaço, a linha, o articulador fluido e incansável da forma, seja na soltura vacilante do esboço seja na rigidez de um projeto técnico; a forma, as formas básicas, o círculo, o quadrado, o triângulo e todas as suas infinitas variações, combinações, permutações de planos e dimensões; a direção, o impulso de movimento que incorpora e reflete o caráter das formas básicas, circulares, diagonais, perpendiculares; o tom, a presença ou a ausência de luz, através da qual enxergamos; a cor, a contraparte do tom com o acréscimo do componente cromático, o elemento visual mais expressivo e emocional; a textura, óptica ou tátil, o caráter de superfície dos materiais visuais; a escala ou proporção, a medida e o tamanho relativos; dimensão e o movimento, ambos implícitos e expressos com a mesma frequência.

Por meio desses elementos é possível transmitir e receber mensagens visuais muitas vezes com maior número de informação, mais precisão e rapidez do que a linguagem verbal consegue, visto que esta é mais complexa do que aquela. Não se pode esquecer, contudo, de que não somente a visão atua na percepção dos elementos que compõem a substância visual, mas todos os nossos sentidos.

Um tipo textual que engloba características do texto verbal e do não-verbal é a “charge”, que de acordo com RABÇA & BARBOSA (1978: 89), é um tipo de cartum cujo objetivo é a crítica de um fato ou acontecimento específico, em geral de natureza política. Por se referir a uma realidade específica, a charge se liga mais ao momento presente e por isso requer um conhecimento de fatos da realidade contemporânea e especialmente dos acontecimentos políticos, uma vez que geralmente satiriza uma personagem, fato ou acontecimento político específico, utilizando-se de recursos como a caricatura e o humor.

Embora muitos considerem a charge apenas como uma sátira da realidade, não se pode ignorar que ela veicula idéias

e, além disso, essa criação representa uma forma alternativa e complementar de encarar os fatos expostos nas matérias de jornais e revistas.

No Brasil, a história da charge teve seu início com o poeta barroco Gregório de Matos Guerra (1633 – 1696), denominado “Boca do Inferno”, em virtude do cunho extremamente cortante de suas críticas aos administradores das terras brasileiras, ou de qualquer outro que lhe desagradasse. Desde o início, a caricatura no país esteve ligada à política, o que se acentuou após a abertura política, no final da ditadura militar.

A deformação caricatural é elaborada pelo desenhista através do uso hiperbólico das linhas, e essa desproporção visa ao riso fácil através do ridículo, podendo sublinhar os traços mais marcantes da pessoa, acentuando tanto aspectos positivos, como ridicularizando os negativos. Aliados à caricatura estão os signos lingüísticos, que têm por função representar a fala das personagens e os diversos tipos de ruídos. Esses recursos são decisivos para marcar uma das características mais importantes da charge: o humor, cujo compromisso é muito maior com a verdade das coisas do que com o riso. Embora o humor gráfico tenha a função de amenizar as sensações tensas provocadas pelas notícias, em situações de crise econômica, social ou política, não deve ser tratado como recurso meramente visual, visto que a charge pode ser condutora de ideologia e, assim, caracterizar o momento histórico de sua produção.

De acordo com Paulo Caruso (1997: 79), “o valor irreverente da charge pode concorrer para o entendimento dos fatos do cotidiano”.

Na charge, o humor apresenta um caráter de sensibilidade e inteligência, utilizando uma linguagem artística que expressa gráfica e pictoricamente idéias, sentimentos e informações com delimitações espaço-temporais, que levam o receptor a uma reflexão sobre o assunto tematizado. Devido ao fato de a charge ter um poder de comunicação mais eficaz, com maior rapidez do que o texto verbal escrito, transmitindo múltiplas informações de forma condensada, vai ao encontro do tipo de leitura apreciado pelo jovem atual.

O Texto Chárgico na Escola

A escola não tem explorado como deveria os textos não-verbais, priorizando a leitura do verbal. Contudo o desenvolvimento e o aprimoramento desse tipo de leitura podem se tornar instrumentos estimuladores para uma prática do ensino de língua portuguesa direcionada à leitura crítica, visto que o texto chárgico usa a arte para criticar, denunciar, chamar a atenção para fatos do dia-a-dia, através da intertextualidade, humor, ironia e seu caráter polifônico, concebendo-se, então, o texto como um cruzamento de vozes oriundas de práticas de linguagem socialmente diversificadas. “A charge só se justifica quando é apreendida em sua forma e conteúdo, ou quando, além de agradável objeto estético, consegue ser um instrumento crítico. Seu reconhecimento resultou dos significativos avanços da ciência e da tecnologia, que inquietaram a alma humana e levou-a às grandes transformações sociais” (AGOSTINHO, 1993). Por isso, requer um leitor não mais passivo, mas ativo, crítico e participativo, em interação com o meio em que vive. Isso dá à charge não apenas um caráter de passatempo, divertimento e distração, mas de crítica, alerta e denúncia, portadora de relações entre produtor e receptor

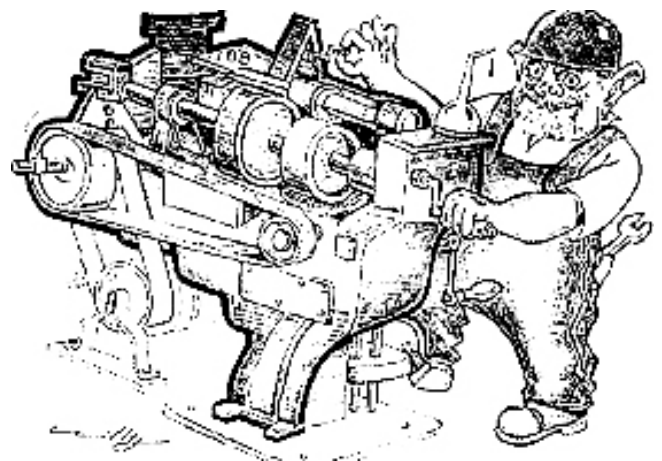
que veiculam um universo de informações, nos mais variados contextos, provocando o riso, de forma que implícitos e subentendidos surtem efeitos em níveis diferentes e com diferentes formas de reflexão.

Assim, o trabalho com charges na escola pode ter como objetivos:

- atrair o aluno para uma leitura diversificada, proporcionando-lhe maiores pré-requisitos de visão de mundo e poder de interpretação, preparando-o para uma leitura inferenciada;
- Praticar a leitura verbal e não-verbal, enfatizando o explícito e o implícito no texto;
- Demonstrar que a charge não deve ser vista como um texto isolado, e sim como um texto cujo significado assentasse nas suas intersecções com outras produções textuais, alargando-se a concepção de intertextualidade;
- Mostrar que a charge informa e opina sobre um tema por meio da representação de um mundo “às avessas”, aguçando pela própria inversão de valores sociais que promove uma visão mais límpida da realidade, despertando, assim, o aluno para este tipo de leitura.

Portanto, trabalhar esse tipo textual na escola requer do professor, além do conhecimento de mundo, o conhecimento lingüístico e textual. O aluno, por sua vez, para proceder à leitura eficiente de charges, deverá estar bem informado, integrado nas questões e acontecimentos políticos de sua época, sendo capaz de relacionar o texto chárgico com outros textos, pois a intertextualidade é uma característica presente em todas as charges. Por isso, trabalhar com o texto chárgico é, no mínimo, um desafio, pois se o aluno não é capaz de realizar uma leitura inferenciada, pode ser estimulado pelo professor a buscar informações acessórias em outros textos que mantenham relações com os temas explorados pela charge. Isso pode ser o início de um processo que o levará a tornar-se um leitor curioso, pesquisador de outros textos e, em conseqüência, capaz de realizar uma leitura crítica, tornando-se um sujeito ativo, participante, apto a exercer sua cidadania.

Analisando uma Charge



Contextualização

A charge de Willy foi publicada no período pós-eleição presidencial, em outubro de 2002, tendo sido eleito Luiz Inácio Lula da Silva, do Partido dos Trabalhadores (PT), ex-metalúrgico e sindicalista, cuja história de vida pública está diretamente ligada às reivindicações dos direitos das classes menos favorecidas. O fato teve uma repercussão mundial, uma vez que a eleição de um operário, sem estudos superiores, oriundo das camadas populares, representou um rompimento com a política tradicional, comandada pelas elites e pelo militarismo. Nesse período, o Brasil vivia um momento crítico, com altos índices de analfabetismo, além de ser conhecido internacionalmente como um dos países cuja injustiça social produziu milhões de brasileiros vivendo em situação de extrema fome e miséria, em meio, ainda, a um clima de insegurança e medo, gerado pela crescente violência. Na área econômica, apesar da aparente estabilidade, a política era de total submissão às regras ditadas pelo FMI. Lula tornou-se, assim, a esperança de um Brasil melhor e mais justo, voltado à concretização dos sonhos e anseios do povo.

Esse país em crise, com problemas de difícil solução, é retratado pelo chargista Willy, mesmo sem o recurso da palavra escrita. É interessante lembrar que a leitura adequada desta ou de outras charges só é possível, se forem acionados os conhecimentos prévios do leitor, principalmente o conhecimento de mundo.

Uma Possível Leitura

A charge apresenta uma máquina com o formato do mapa do Brasil. É uma máquina ultrapassada, sem recursos da alta tecnologia, acionada por um metalúrgico (no caso, Lula), estabelecendo a relação com a profissão do presidente eleito, e ao mesmo tempo com a situação de fragilidade do país. A máquina apresenta problemas, defeitos de funcionamento, o que requer cuidados especiais e muita habilidade em seu manuseio; um simples descuido pode provocar conseqüências desastrosas. Isso pode ser observado pela expressão de Lula, seu olhar amedrontado, o gesto de leveza e cuidado ao tocar a máquina; os pingos de óleo e o funil sobre a máquina representam a necessidade de lubrificação, o próprio desenho da máquina como um todo mostra um equipamento retrógrado, quase uma sucata, mas que nas mãos de quem entende e tem boa vontade, pode funcionar. É o Brasil, com todos os seus problemas, nas mãos de um metalúrgico.

Aspectos Presentes na Charge

Intertextualidade: história de vida de Lula, relação com a sua profissão, situação sócio-econômica do país.

Polifonia: cruzamento das vozes política e social, tanto em sua visão positiva quanto negativa.

Caricatura: a imagem de Lula, com os olhos arregalados, tamanho exagerado das orelhas, a roupa rústica de operário, em substituição aos ternos *Armani* usados na campanha eleitoral, as ferramentas básicas de trabalho, que embora rudimentares, são adequadas para o funcionamento dessa máquina.

Humor: é causado pela ironia de se colocar o mapa do Brasil como uma máquina ultrapassada e de difícil manejo, cujo funcionamento depende da habilidade do operário que vai acioná-la, ou seja, o presidente eleito pelo voto popular.

Partindo-se do princípio de que a leitura é um dos meios pelo qual o indivíduo apreende o mundo à sua volta e todas as formas de conhecimento nele produzidas, a charge pode se constituir num instrumento eficaz para o professor atingir os objetivos propostos em relação à leitura, pois vai além da mera decodificação, envolvendo a reflexão e transformação de significados, imprescindíveis para a realização de uma leitura crítica, fundamental para a integração do indivíduo ao seu contexto sócio-econômico e cultural. Os tempos mudaram. Há uma explosão de informações, cujo acesso é facilitado pelos diversos meios de comunicação. Apesar disso, as pessoas ainda são manipuladas em decorrência do pouco conhecimento que possui a respeito da realidade dos fatos, o que ocorre em parte pela falta de domínio de leitura, pois raras são as pessoas que conseguem ler criticamente, característica de uma elite que é preparada para isso desde os primeiros contatos com o mundo da escrita. A escola deve, portanto, atentar para o seu papel de formadora de leitores, não só preparando o aluno para a leitura de textos literários, mas também para a diversidade textual que permeia o cotidiano do aluno, incluindo o texto chágico, como uma das formas de desenvolvimento da leitura inferenciada, através da compreensão de pressupostos e subentendidos presentes nos textos verbais e não-verbais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGOSTINHO, A. T. – **A charge. Tese de doutoramento.** ECA, USP: São Paulo, 1993.
- BEAUGRANDE, R.; DRESSLER, W. **Introduction to text linguistics.** London: Longman, 1981.
- CARUSO, Paulo. **De o Pasquim à Avenida Brasil. Comunicação & Educação.** São Paulo: Moderna, [2]: 78-84 maio/ago. 1997 (Seção Depoimento).
- DONDIS, D. A. **La sintaxis de la imagen: introducción al alfabeto visual.** Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 1976.
- FÁVERO, Leonor Lopes; KOCH, Ingedore G. Villaça. **Cri-térios de textualidade.** São Paulo: Veredas, n.104, p.17-34, 1985.
- _____. **Linguística textual: introdução.** 2. Ed. São Paulo: Cortez, 1988.
- FERRARA, Lucrecia D'Aléssio. **Leitura sem palavras.** São Paulo: Ática, 1986.
- GOODMAN, Kenneth S. **“O processo de leitura: considerações a respeito das línguas e do desenvolvimento”.** In: FERREIRO, Emília & PALACIO, Margarita Gomes. **Os processos de leitura e escrita: novas perspectivas.** Porto Alegre, Artes Médicas, 1987.
- KLEIMAN, Angela. **Texto e leitor.** Campinas: Pontes, 1989.
- PERINI, Mário A. In: **Leitura: Perspectivas interdisciplinares** – (org. ZILBERMAN, Regina e SILVA, Ezequiel Theodoro da). São Paulo: Ática, 2000.
- RABAÇA, Carlos Alberto; BARBOSA, Gustavo. **Dicionário de comunicação.** Rio de Janeiro: Codecri, 1978.

CONCLUSÃO